

Bruno Ferro
bruno.ferro@diariodaregiao.com.br

Toque de recolher; compra de gerador de energia; estoque de água, comida e medicamentos; mudança temporária de casa; reforço em janelas e portas. Essas são algumas das medidas que rio-pretenses estão enfrentando na Flórida, nos Estados Unidos, como preparação para o furacão Milton – a previsão aponta que ele vai chegar na madrugada desta quinta-feira, 10, e será um dos maiores da história.

Diferentemente de moradores da costa, que tiveram de deixar suas casas devido ao risco, alguns rio-pretenses permaneceram na região, mas têm de obedecer a toque de recolher, ou seja, não podem sair de casa durante a passagem do fenômeno.

Empresário de Rio Preto, Bruno Raphael de Oliveira Souza, 36 anos, mora com a esposa, Anna Beatriz Tambalo Oliveira, 30, e os filhos, Luis Felipe, 7 anos, e Logan, 10 meses, em Kissimmee, na região de Orlando. Ele conta que o toque de recolher foi estipulado das 20h de quarta até 10h de quinta. “Qualquer um que saia de casa sem ser por uma emergência médica pode ser preso.”

Em 2017, ele, mulher e o filho mais velho, à época recém-nascido, estavam nos Estados Unidos quando o país foi atingido pelo furacão Irma. Para proteger o bebê, eles decidiram ir para o Mississípi. Dessa vez, já com experiência de outros furacões, ficaram em casa. “A casa é toda de bloco de concreto, com vidros duplos, é segura para estar aqui”, diz, ressaltando a comunicação eficaz das autoridades públicas com a população.

Bruno monitorou a formação do furacão e se preparou. A previsão é que não cause devastação na área, mas deve causar queda de energia. “Já tinha água estocada, comprei gerador de energia que suporta TV e geladeira, galão de combustível. As autoridades pedem para se preparar: guardar água, alimento, carregar todos os eletrônicos, ter lanterna.”

Apesar do preparo e da experiência, Bruno relata apreensão. “A gente fica apreensivo, é um clima de tensão, acompanhando o tempo todo. A gente tenta lidar da melhor forma possível, mas bate uma ansiedade, um medo.”

PRIMEIRO FURACÃO

Há pouco tempo em Orlando, Luciana Bueno, 39 anos, mora com o marido, Alex Sandro Zanelato, 38, e o filho, João

Planejamento e tensão antes do furacão

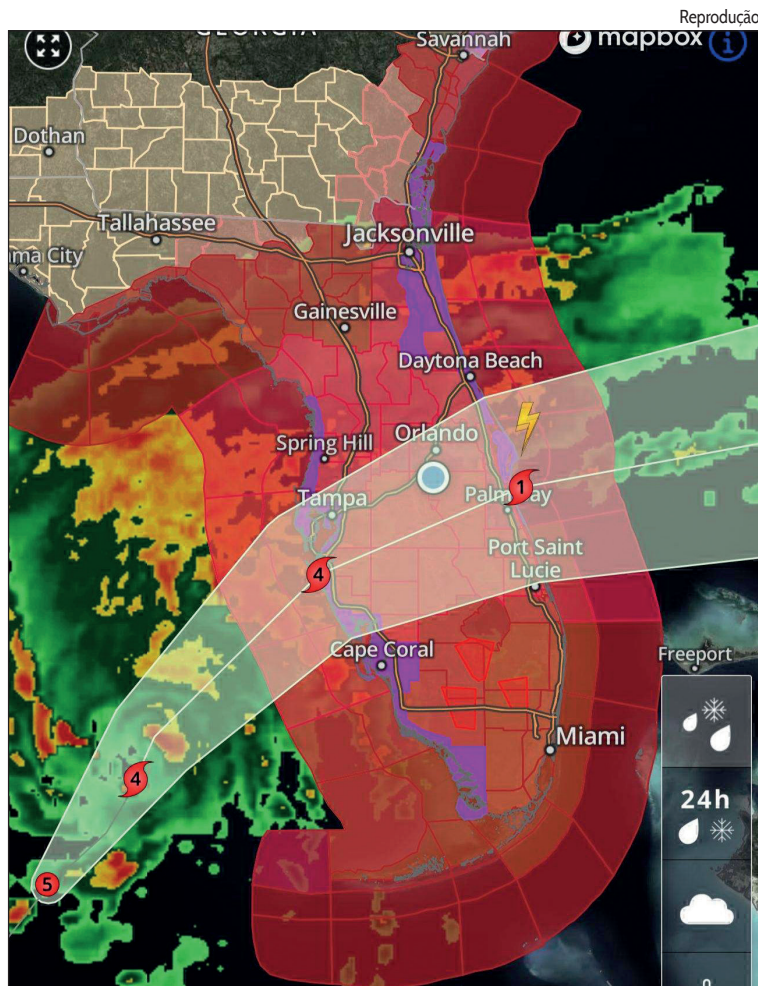
Rio-pretenses que moram na Flórida, nos Estados Unidos, relatam medo e esquema de proteção antes da chegada do furacão Milton

Pedro Zanelato, 6. “Pediram pra gente se preparar que a qualquer momento podemos receber mensagem de evacuar a cidade. Confesso que ficamos com medo”, diz a rio-pretense, que recebe notificações no celular com frequência das autoridades regionais.

Por morar perto de um lago, o que pode intensificar os estragos do furacão, a família terá de ficar na casa da irmã de Luciana durante o toque de recolher. Para se tranquilizar, ela se apegue à fé e ao que moradores mais antigos da cidade dizem: que a intensidade vai diminuindo e não chega com tanta força em Orlando. “Estou confiando em Deus que não vai ser forte.”

Mesmo sem causar devastação, há risco de o furacão atingir o fornecimento de energia e de água. Diante disso, as autoridades fizeram uma série de recomendações. Entre elas estão preparar caixas térmicas e deixar banheiras cheias de água limpa, porque se faltar energia a água fica sem tratamento e chega suja às torneiras.

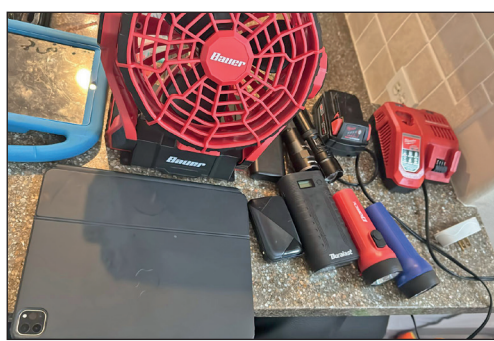
A corrida aos mercados foi intensa nos últimos dias, com prateleiras vazias. Muitos moradores também deixam a situação ainda pior, ao compartilhar imagens antigas de devastação. “É uma tensão enorme. Procuro nem ficar olhando rede social”, diz.



Mapa mostra, em vermelho, região que pode ser afetada pelo furacão; área mais clara indica locais onde ele será mais forte



Alex Sandro e Luciana com o filho, João Pedro: família relata tensão ao encarar pela primeira vez um furacão



À direita, Bruno e Anna Beatriz com os filhos Luis Felipe, 7 anos, e Logan, 10 meses; à esquerda, equipamentos eletrônicos e lanternas preparados para uma possível falta de energia elétrica

‘Um dos mais destrutivos’

O furacão Milton se fortaleceu enquanto atravessava o Golfo do México em direção à Flórida, nos Estados Unidos, nesta quarta-feira, 9, e pode atingir o Estado com grandes ondas de tempestade, chuvas intensas e ventos fortes.

“Milton tem o potencial de ser um dos furacões mais destrutivos já registrados para o centro-oeste da Flórida”, alertou o Centro Nacional de Furacões.

O furacão, que voltou ao status de categoria 5 na tarde de terça-feira, 8, está ameaçando a área de Tampa Bay, que abriga mais de 3,3 milhões de pessoas. A região não é impactada diretamente por um grande furacão há mais de 100 anos.

Milton também está ameaçando outras áreas da costa oeste da Flórida que foram devastadas quando o furacão Helene atingiu a costa em 26 de setembro deste ano.

O NOME

Os nomes dos furacões são escolhidos com base em avaliações de suas trajetórias e têm a finalidade de facilitar a memorização e a comunicação com o público. Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM), o uso de nomes curtos diminui o risco de confusão e reforça a comunicação das advertências em relação ao perigo e à gravidade da tempestade.

As sugestões de nomes são fornecidas por organismos regionais e avaliadas pela OMM, que pode intervir para evitar problemas. (Agência Estado)

